

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e **O POVO** se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

Bailes pré-carnavalescos de clubes

Maria José Monte Holanda
dedemonteholanda@yahoo.com.br

Os dois últimos redutos do pré-carnaval de clubes em nossa cidade, estão aqui representados. Sexta-feira, 30 de janeiro aconteceu no Círculo Militar de Fortaleza o “Baile de Máscara”. Organização e animação são itens que fazem parte das festas que ali acontecem. A música empolgante, orquestrada pelo Fonseca Júnior e banda, prestigiou marchinhas e sambas que toda uma geração sabe cantar e dançar, aflorando alegria, nostalgia, uma mistura de sentimentos por quem faz questão de preservar, curtir, recordar. Foi o que presenciei por toda a noite naquele recinto.

Senti a presença saudosa dos carnavais passados, das pessoas que ali não estavam, mas a música, o ambiente alegre, festivo e familiar vivido em épocas anteriores veio à tona com tanta energia que ensaiei algumas lágrimas, mas, logo fui contagiada pela animação presente. Sábado, dia 7 de fevereiro, o famoso

“Carnaval da Saudade” no Náutico Atlético Cearense. Local de boas e tradicionais festas, este seria o 58º baile carnavalesco, onde o homenageado seria o compositor cearense Fausto Nilo, que fez uma apresentação no início da festa. De repente a chuva chegou, chegou com força, como a gente gosta em certas ocasiões. Nessa não. E realmente desconfortou, atrapalhou mesmo. O salão escalado para o acontecimento era ao ar livre, água por todos os lados, salvo alguns corredores cobertos onde tinham mesas deu pra ficar sem transtorno.

Não entendi porque o Salão Nobre não foi aberto ao público como sempre acontece, favorecendo uma festa mais democrática e organizada. O atendimento da cozinha e bar deixou a desejar, o som, a banda musical numa mistura de ritmos modernos e baianos, dando pouco espaço para marchinhas e sambas tradicionais, não fez jus ao nome do famoso e tradicional “Baile da Saudade”. “A nostalgia não atravessou o tempo”. Uma pena!

Viva o Brasil

João Teles de Aguiar
coreausiara@yahoo.com.br

Quem chama o próprio País de Bostil tem nojo do seu povo, das suas raízes, da sua miscigenação, do seu cladeamento histórico, deve ter ojeriza à pluralidade, que corre nas próprias veias. Por que chegamos a isso? Só a tal da polarização?

Não creio. O buraco é mais embaixo. Tem muito mais coisa para ser estudada, em uma nação que experimenta esse dissabor todo.

Isso lembra muito o sujeito que nasceu na pobreza, conseguiu melhorar de vida e saiu às ruas porque viu um pobre esmolar ou uma manifestação pública, de alguma categoria, como eu já vi acontecer!

Coitado. Deve sofrer uma barbaridade, por dentro... Viver aos engulhos em seu próprio País, porque não consegue ver, com alguma empatia, as pessoas pobres se dando bem, recebendo uns trocados, via transferência de renda federal ou mandando um filho para universidade.

Eu não queria estar no lugar de quem

não consegue conviver bem com o sucesso do outro. Dizem que muita coisa começou a acontecer (e a desandar), quando a filha da empregada começou a cruzar com a filha da patroa nos corredores da academia.

Uma das melhores formas de conviver, viver com (o outro), é aceitar que ele também se dê bem, viva melhor, melhore as condições de vida e alce voos mais altos e melhores. Quando eu me contento e faço festa, com a alegria de alguém, eu cheguei, sim, a um patamar humano muito mais respeitável. Ninguém faz um País crescer, querendo ver a ruína do seu povo, seja por conta da política partidária, seja por questões territoriais, religiosas, étnicas, etc. O desenvolvimento de uma Nação se dá, primeiro, com respeito à diversidade do seu povo, do seu cidadão, do seu eleitor/contribuinte, que paga, para que o País ande, cresça, vá mais adiante. Não existe Nação, sem seu povo crescendo junto, pessoas unindo-se às outras, construindo. Ou na linguagem musical e da juventude: “Tudo junto e misturado!”.

Vamos melhorar, meninos. O Brasil nos aguarda!

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

Repito isso para mim

Ana Andrade
Ex-Correspondente **O POVO**

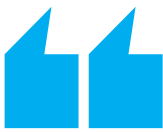
Admito que tenho um defeito que preciso trabalhar bastante ainda. Quando me proponho a aprender algo ou ser responsável quero a perfeição para ontem! Como professora, na época em que exercia função, em um evento da escola precisava passar firmeza aos pais, nunca me considerei boa no quesito “certeza sobre si”, por isso continuo na terapia [:-)]. Entretanto, ser professora por um tempo me serviu também para criar um pouco de convicção na hora de falar, principalmente nos dias em que eu não tinha forças para ser convicta nem comigo.

A gente aprende, sempre que posso repito isso para mim.

Lembrando aqui dos inúmeros pais e/ou responsáveis que já atendi e tive que ser a palavra de esperança, tanto para ele quanto para o aluno, partindo da realidade que até mesmo quem dava apoio ou algum tipo de assistência também precisava ser escutado e entendido. A escuta que tantas pessoas que atravessam nosso caminho precisa. É através dos pais que conhecemos as crianças, mas há quem diga o contrário e faz todo sentido.

Por vezes, fiquei ali com meus botões, será que estou sendo “falsa”, dando respostas cheias de firulas e frases feitas? Mesmo sabendo que eu não estava agindo assim, aproveitemos o período pós-carnavalesco e abram alas ao “Bloquinho da Autossabotagem”, minha gente!

Os anos passaram, os alunos se formaram e a escuta ainda se encontra em falta. E a atenção, que antes era seletiva, agora está mais compartilhada do que nunca e também ainda nos acompanha.



É através dos pais que conhecemos as crianças, mas há quem diga o contrário e faz todo sentido.

CARLUS CAMPOS



Nós

Rachel Uchôa
Professora do IFCE (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará)

Nós que nos sentimos despidas por seus olhares maliciosos.

Nós que recebemos abraços desconfortáveis, ao invés de acolhedores.

Nós que tivemos nossos passos interrompidos por suas mãos puxando nossos braços, para que vocês tivessem suas vontades realizadas independentemente da nossa.

Nós que insistentemente dissemos “não” para os seus insistentes “sim”.

Nós que precisamos usar nossas bolsas como escudos, ao usarmos transporte público, para que vocês não se aproveitem dos nossos corpos.

Nós que, antes de nos encontrarmos com vocês pela primeira vez, temos que compartilhar nossa localização com quem deveras nos oferece segurança.

Nós que tememos o escuro

da noite em ruas esvaziadas; não pelo sobrenatural – este talvez nos fosse mais gentil –, mas por vocês, que aniquilam nossa essência e nos transformam em objetos tão vazios quanto seus moralismos.

Nós que, por vezes, somos negativamente adjetivadas, quando impomos nossos limites, ou, simplesmente, quando somos assertivas.

Nós que exercermos nossas profissões com salários inferiores ao de vocês, ainda que, muitas vezes, sejamos mais qualificadas.

Nós que precisamos provar nosso valor todos os dias, porque somos tão facilmente desacreditizadas e invalidadas por vocês.

Nós que carregamos dores físicas, psicológicas e emocionais infligidas por vocês: por seus egos, por suas fragilidades.

Nós que, antes de termos os sonhos, os planos, as possibilidades, a vida, enfim, tirados por vocês, carregamos o peso de sermos nós: mulheres.

Trezentos anos de chão e sol

Wivyna Freitas
Ex-Correspondente **O POVO**

Dizem que Fortaleza faz trezentos anos, mas o meu tempo é baseado em sinais. Vermelho é espera com o coração apertado. Verde é correr antes que o vidro suba. Aqui embaixo, onde o asfalto queima o pé e o mormaço abraça a gente sem pedir licença, não tem bolo nem vela. Tem pressa. Tem silêncio. Tem gente fingindo que não vê.

No rádio dos carros falam de crescimento, de luz e de orgulho. Eu escuto tudo do lado de fora, com a caixa de paçoca pesando no braço. A minha luz é o reflexo rápido no para-brisa. É o brilho que encosta e vai embora. Porque quase ninguém abre o vidro. Quase ninguém pergunta meu nome. A gente vira sombra no meio da tarde. Vira parte da rua. Vira costume.

E eu não estou só. No sinal tem o menino pequeno que já aprendeu a pedir antes de aprender a sonhar. Tem a mulher segurando a criança no colo, tentando proteger do sol com a própria sombra. Tem o homem do papelão escrito às pressas, com letra tremida e esperança miúda. A gente aprende a esperar um olhar que quase nunca para. Aprende a agradecer até quando não recebe nada. Aprende a ouvir o “não” antes mesmo da pergunta.

O que mais dói não é o sol. Não é o cansaço. É ser invisível na própria cidade. É sentir que a festa acontece e você não foi convidado. É ver o vidro subir devagar, como quem fecha a porta na sua cara, enquanto o sinal ainda está vermelho.

Mas o verde sempre volta. E a gente também. Eu ajeito a bandeja, seco o suor com a mão e caminho de novo entre os carros. Porque viver aqui é continuar. É existir mesmo quando ninguém parece notar. Fortaleza faz trezentos anos, dizem. Eu faço o dia acontecer no meio da rua. Faço o hoje caber na coragem que eu junto toda manhã. E amanhã, quando o sol nascer queimando tudo outra vez, eu vou estar aqui. No mesmo sinal. No mesmo calor. Lembrando à cidade, mesmo que ela não queira lembrar, que eu também faço parte da história dela. E quem sabe, um dia, alguém olhe sem pressa e entenda que por trás da necessidade sempre teve vida.